

COGAE/ PUC-SP
SAMAR MOHAMAD EL MALT

**AS VICISSITUDES SUBJETIVAS DA LÍNGUA MATERNA PARA A LÍNGUA
ESTRANGEIRA**

COEGAE/PUC-SP
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
2010

SAMAR MOHAMAD EL MALT

**AS VICISSITUDES SUBJETIVAS DA LÍNGUA MATERNA PARA A LÍNGUA
ESTRANGEIRA**

Monografia apresentada como trabalho de conclusão do curso de especialização “Clínica Interdisciplinar com o Bebê – a saúde física e psíquica na primeira infância” da Cogae/Puc-Sp, sob a orientação da profa. Erika Parlato de Oliveira.

COEGAE/PUC-SP

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

2010

*De tudo, ficaram três coisas:
A certeza de que estamos sempre começando...
A certeza de que precisamos continuar...
A certeza de que seremos interrompidos antes de terminar...
Portanto, devemos:
Fazer da interrupção um caminho novo...
Da queda, um passo de dança...
Do medo, uma escada...
Do sonho, uma ponte...
Da procura, um encontro...*

(FERNANDO PESSOA)

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, essencial em todos os momentos do estudo e da vida.

A orientadora Professora Doutora **Erika Maria Parlatto de Oliveira**, que me atendeu em todas as horas de angústias, mostrando o lado prazeroso e enriquecedor do estudo.

A minha amiga, parceira para todas as horas, **Katia Barbosa** que, com muita paciência, dividiu ansiedades, tristezas, alegrias e conclusões durante todo este trabalho e ao longo desses anos de amizade.

A minha **família**, por estar sempre ao meu lado, torcendo pelo meu sucesso e felicidade em mais uma etapa da minha vida.

A minha querida e eterna Professora e Doutora **Lúcia Maria Guimarães Arantes**, pelo carinho e pelo cuidado com a leitura deste trabalho para emitir o parecer; pela presença estruturante na minha formação, pelos sorrisos e gestos de carinhos.

A **Maria Gruppi**, que me forneceu bons momentos de discussão sobre o tema a ser abordado, e material de pesquisa.

A professora e coordenadora **Elô Lacerda** pela organização em nos recepcionar e pela disposição em nos motivar durante todo curso. Tenha certeza de que o curso fez toda diferença para mim!

A **turma** da especialização.

Muito obrigada a todos!

RESUMO

A proposta deste trabalho é colocar em discussão as possíveis relações entre língua materna e língua estrangeira. Dado que estes termos não são transparentes, o primeiro passo desta pesquisa é delinear tais conceitos no campo da Linguística e da Psicanálise. Considero que partir do tratamento dado ao tema no campo da Psicanálise é possível colocar em discussão o modo como ele é tratado no interior da Linguística. Estabelecer um diálogo entre essas duas áreas permitirá encaminhar uma reflexão sobre o que determina que um sujeito, desde cedo exposto a mais de uma língua, seja escolhido por aquela que será denominada “língua materna”. Parte-se da noção de sujeito constituído pela linguagem na relação com o Outro. O foco da reflexão são as formas possíveis de relação do sujeito com a língua materna e com a língua estrangeira. Serão incluídos também trabalhos que tratam a relação entre a fala da criança e a fala do adulto no processo de aquisição, isto é, na passagem de *infans* a falante. Entende-se que nesta trajetória a estruturação subjetiva e a estruturação da linguagem são mutuamente determinadas, como assinala Lemos (1992, 1995, 2000, 2002, entre outros). Objetivo deste projeto é pesquisar os efeitos do aparente apagamento de uma das línguas que faz de um corpo sujeito, ou como essas línguas se entrelaçam na estruturação da subjetividade. Trata-se de um tema que envolve a relação sujeito-língua-fala e que é relevante tanto para refletir sobre a aquisição de linguagem, o ensino de segunda língua, a educação de surdos.

ABSTRACT

The purpose of this work is put into discussing the possible relationship between mother tongue and foreign language. Since these terms are not transparent, the first step of this research is to define such concepts in the field of linguistics and psychoanalysis. I believe that from the treatment given to the subject in the field of psychoanalysis is possible to put in discussion the way he is treated within the Linguistics. Establish a dialogue between these two areas will go a reflection on what determines that a person exposed to early on more than one language is chosen for what will be called "mother tongue". It starts with the notion of subject is constituted through language in relation to the Other. The focus of reflection are possible forms of the subject's relation with the mother tongue and foreign language. Also included will be works that address the relationship between the child's speech and adult speech in the acquisition process, the passage of infans the speaker. It is understood that this trajectory the subjective structure of language and structure are mutually determined, as pointed out by Lemos (1992, 1995, 2000, 2002, among others). Objective of this project is to research the effects of an apparent deletion of language that makes a body subject, or how theses languages are interwoven in the structure of subjectivity. This is an issue that involves subject-language-speaking and is relevant both to reflect on language acquisition, second language teaching, education of the deaf.

INTRODUÇÃO

Ao longo de minha formação acadêmica, durante os anos de graduação, os temas que despertaram meu interesse foram aqueles ligados ao estudo de linguagem, seja para os estudos da aquisição de linguagem, seja para os que abordavam sua face patológica. As questões clínicas, igualmente instigantes, e que me motivavam eram aquelas em que a singularidade do sujeito, a fala do paciente e a escuta do clínico eram tematizadas. Tais questões, como pude perceber, não eram unidades isoladas, mas estavam integradas.

Entretanto, foi uma questão pessoal que há muito me inquietava que determinou a decisão de realizar uma pesquisa sobre a língua materna. A questão é de fato muito antiga e anterior ao meu ingresso no curso de Fonoaudiologia. Ela se entrelaça com minha história de vida, pois imigrei para o Brasil aos três anos de idade. Se considerarmos a língua materna como a primeira, isto é, aquela que o bebê adquire como primeira língua, em um percurso singular que marca de algum modo sua relação com a linguagem, não há como negar que quando cheguei a este país já havia percorrido um longo trajeto. Conforme assinala Pereira de Castro (1998), a aquisição da língua materna é uma experiência inaugural e definitiva, pois é por ela que um corpo não falante (*infans*) passa a ser um sujeito falante ou sujeito da linguagem. Posso afirmar que, se entendida como a primeira, minha língua materna foi a língua árabe. Mas cabe interrogar: será que apenas a língua materna tem o estatuto identificatório, e que eu apenas poderei me reconhecer a partir dela, pois fui por ela maternada? Será que a língua estrangeira, no caso a portuguesa, não teria a mesma função apesar de ter entrado mais tarde e não corresponder à língua de meus pais? Cabe assinalar que sinto como se o Português fosse minha língua materna, mesmo sem ter sido a primeira.

Melman (1992), em seu livro “Imigrantes”, fala que saber uma língua é diferente de conhecê-la. Saber uma língua significa ser falado por ela, ou seja, ser atravessado pelos seus significantes, o que funda uma subjetividade desejante. Segundo o autor, a língua materna é aquela na qual a mãe é interdita pelo pai simbólico, sendo por isso a língua do desejo. Betts (2000) nos fala que ser falado por outra língua implica em se deixar atravessar pelos significantes dessa língua, dando lugar a um desejo “diferente”.

Já Milner (1978), linguista e psicanalista, define língua materna como aquilo de que justamente a linguística não trata, porque excede gramáticas e teorias, pertencendo ao eixo da

poesia, dos lapsos, dos jogos de palavras. Essa língua pode ser qualquer língua que maternalize um falante, que faça dele sujeito. O autor abre com sua afirmação um instigante espaço de reflexão para o pesquisador que tem como foco a língua materna e a interface entre Linguística e Psicanálise.

Em relação aquisição da língua estrangeira, vale retomar as palavras de Melman (op.cit) que marca a distinção entre saber e conhecer uma língua para que se possa refletir como a posição subjetiva implica representação do sujeito na língua. Fazer o percurso do que se entende por sujeito falante, para pensar o contato com a língua estrangeira é imprescindível, uma vez que a constituição do sujeito na língua materna é inaugural e permeará a sua relação no processo de aprendizado/apropriação da língua estrangeira. Como se vê a língua estrangeira está relacionada ao conhecer e a língua materna ao saber (da língua). Cabe salientar que a língua materna não é necessariamente aquela falada pela mãe, mas aquela que "teceu o inconsciente" (Melman, 1992), isto é, a língua que para cada um constitui a língua da estrutura simbólica fundamental que o faz sujeito.

Conhecer uma língua refere-se ao aprendizado de Língua Estrangeira, a partir da língua que se sabe, para se comunicar. Isso quer dizer que há uma tradução da Língua Estrangeira, a partir da língua da qual o sujeito é atravessado. A partir dessa distinção podemos afirmar que se trata de duas posições subjetivas através das quais o sujeito se representa diante da Língua Materna e da Língua Estrangeira. A posição subjetiva refere-se às identificações imaginárias sobre um esqueleto simbólico. Ou seja, o esqueleto simbólico do sujeito monolíngue é a Língua Materna. Para que o sujeito venha a se representar na Língua Estrangeira, ele precisaria se deixar atravessar pela Língua Estrangeira, o que levaria o sujeito a se deslocar subjetivamente do lugar da repetição da fala do outro para própria interpretação.

A partir do tratamento dado a este tema no campo da Psicanálise, é possível colocar em discussão o modo como ele é tratado no interior da Linguística, pois o diálogo entre essas duas áreas permitirá encaminhar uma reflexão sobre o que determina que um sujeito, desde cedo exposto a mais de uma língua, seja escolhido por aquela que será denominada "língua materna". Assim, reflexões que tratam da relação entre a fala da criança e a fala do adulto no processo de aquisição, ou seja, na passagem de *infans* a falante, serão determinantes no/do projeto. Nesta trajetória a estruturação subjetiva e a estruturação da linguagem são mutuamente determinadas, como assinala Lemos (1992, 1995, 2000, 2002, entre outros). Vejamos o que ela diz no texto "Interação e Processo de Subjetivação" (2000):

“... o que se tem chamado de desenvolvimento da linguagem como processo de subjetivação coloca em questão não só o processo de aquisição de linguagem como aquisição de um conhecimento sobre a língua quanto pressuposto de que esse conhecimento adquirido implique em desenvolvimento. Falar em processo de subjetivação significa colocar anterioridade lógica de linguagem relativamente a um corpo pulsional que é por ela capturado e significado.”pp3,4

Considerando o que foi exposto na introdução, cabe destacar que as colocações acima discutidas apontam para questões complexas, tais como: (1) qual a relação entre língua materna e língua estrangeira; (2) será que apenas a língua materna tem o estatuto identificatório e que eu apenas poderei me reconhecer a partir dela, pois fui por ela maternada; (3) será que a língua estrangeira, no caso a portuguesa, não teria a mesma função, apesar de ter sido introduzida posteriormente e não corresponder à língua de meus pais e, finalmente, (4) discutir a relação do sujeito em lidar com o entrelaçamento entre língua e subjetividade. Tais questões fundamentais, embora pouco problematizadas, são temas que inquietam e despertam curiosidade entre profissionais. Trata-se de um campo de questões que interessa tanto àqueles que trabalham no ensino de segunda língua como aos profissionais envolvidos com a educação de surdos e com a clínica de linguagem.

Dessa maneira a clínica de linguagem que eu imaginei ser um campo de pesquisa privilegiado, considerando minha formação e vocação, foi temporariamente suspenso em partes, pois acredito que minha pesquisa pode ser ampliada para o campo da clínica. Neste momento fui convocada a estudar a relação entre língua materna e língua estrangeira, uma vez que essa questão me inquieta, despertando a curiosidade e o desejo de penetrar os mistérios aí envolvidos, mas acredito que o enfrentamento deste tema poderá se desdobrar para a clínica, não apenas no que diz respeito à questão do surdo - espaço em que o tema é privilegiado. Considerando que a relação sujeito-língua-fala está posta em questão, é possível estender a discussão para o âmbito das patologias

Assinalo que poucos estudos problematizam essa questão e grande parte dos estudos, fora do âmbito da psicanálise, abordam o tema exclusivamente pela ótica da aprendizagem de segunda língua e suas implicações. A minha questão de pesquisa diz respeito aos efeitos do aparente apagamento da língua que faz de um corpo sujeito, ou como essas línguas se entrelaçam na estruturação da subjetividade. Acontece que se pode falar uma língua estrangeira com mais facilidade do que sua própria língua, mas neste caso qual seria a “própria língua”? Como Melman (1992), no subtítulo de seu livro “Imigrantes, delineia as incidências subjetivas das mudanças de língua e país. Quais seriam essas incidências

subjetivas? Acredito que essa relação entre língua e subjetividade é uma questão enigmática que merece verticalização.

Embora na justificativa deste projeto meus objetivos tenham sido delineados, vale destacar que, a partir da problemática apresentada, meu objetivo é pesquisar os efeitos do aparente apagamento da língua que faz de um corpo sujeito, ou como essas línguas se entrelaçam na estruturação da subjetividade, pois se pode falar uma língua estrangeira com mais facilidade do que sua própria língua, mas neste caso qual seria a “própria língua”? Pretendo com tal reflexão levantar um campo de questões que se desdobrem para o campo do ensino de segunda língua e para a clínica de linguagem.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

CAPÍTULO 1

Nesse capítulo serão discutidos os conceitos de Língua materna e Língua estrangeira no campo da Linguística. Primeiramente, faremos um breve histórico dos principais estudos lingüísticos que têm como objeto de estudo a língua. É possível colocar em discussão o modo como a língua materna é tratada no interior da Linguística e o fato que o sujeito desde cedo exposto a mais de uma língua ser escolhido por aquela que será denominada “língua materna”.

1. Os Estudos Linguísticos: Histórico

Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira, muitas vezes sem nos darmos conta, são termos peculiares, específicos e de difícil definição. A eles estão ligados outros tantos conceitos e pressupostos, como a própria definição do que é língua e a reflexão metodológica do ensino de uma língua. Temos, no Brasil, situações peculiares de línguas de imigração, que são faladas por determinados grupos de pessoas em determinadas comunidades no seu dia-a-dia. Há ainda controvérsia em relação à denominação que se dá a essas variedades Linguísticas, no que diz respeito ao seu *status* e no que diz respeito à sua relação com outras variedades linguísticas vizinhas, ou mesmo, concorrentes.

O interesse pela linguagem é muito antigo. E foi assim expresso por lendas, mitos, cantos, rituais, ou ainda por trabalhos eruditos que buscavam conhecer essa capacidade exclusivamente humana de interação linguística com o meio.

A Linguística é dividida em duas grandes fases ou períodos: a linguística até o século XIX, denominada de pré-saussuriana, e a linguística a partir do século XIX, denominada de saussuriana. Na verdade, é bom que se saliente que só no século XIX a linguística começou a adquirir *status* de ciência. Embora antes dessa época já se encontrasse nos teóricos indícios de preocupação com a origem e a estruturação da língua, tal interesse não se concretizava além de especulações, muitas vezes imprecisas, acabando por se centrar no caráter puramente prescritivo da língua.

Desse primeiro período dos estudos lingüísticos, a que se convencionou chamar, conforme já dito, pré-saussuriano, podemos destacar três fases marcantes: a filosófica, a filológica e a histórico-comparativista.

A fase filosófica dos estudos linguísticos pertenceu, sem sombra de dúvida, aos gregos. Foram eles os precursores dos estudos em torno da origem da linguagem. Através de suas reflexões filosóficas a respeito da língua, adentraram a área da Etimologia, da Semântica, da Retórica, da Morfologia, da Fonologia, da Filologia e da Sintaxe. A ideia grega sobre a linguagem foi, de início, eminentemente prática. Para os gregos, o importante na análise da língua era observar de plano a práxis, a ação, o “fazer”. A influência grega nos estudos acerca da língua perdurou por vários séculos e a chamada fase filosófica dos estudos da linguagem humana estendeu-se até a Idade Média.

A segunda fase dos estudos pré-saussurianos, a Filológica, surgiu na Alexandria, em torno do século II a.C., levantando a bandeira da autonomia. Os estudos alexandrinos defendiam uma descrição mais filológica e menos filosófica da língua. Em última análise, a Filologia buscou centrar seus estudos na morfologia, na sintaxe, na fonética e, por consequência, na elucidação dos textos em geral.

Os estudos histórico-comparativistas têm início, então, na transição do século XVIII para o século XIX, procurando identificar as relações entre o latim, o grego e as línguas germânicas, entre outras, a partir da descoberta do sânscrito. Assim, a Linguística entra em sua terceira fase histórica, o chamado período histórico-comparativista, predominantemente marcado pela preocupação dos teóricos em saberem como as línguas evoluem, e não tão somente como funcionam, conforme tinha sido o enfoque até então.

O estudo da linguagem sairá de um ponto de vista histórico, para um ponto de vista estrutural. Ferdinand Saussure (1857-1913) amplia o horizonte dos estudos linguísticos, uma vez que a produção intelectual sobre a questão no século XIX não questionava o ser da linguagem nem seu funcionamento. Dessa forma, Saussure nos mostra que cabe à Linguística ir além do mero estudo dos signos. Saussure baseava-se no estudo da estrutura da língua, e do uso coletivo, comum a todos os falantes, desprezando o individual, por considerar que a língua é homogênea e dinâmica, enquanto a fala é mutável.

Assim, Saussure separou essa estrutura em *langue* e *parole*, a fim de estudar a língua como sistema, dedicando-se apenas ao primeiro caso, a *langue*. O mérito de Saussure consiste em lançar as bases para a compreensão do conceito de estrutura, palavra-chave para o desenvolvimento do pensamento linguístico e das ciências sociais a partir da década de 40. Para Saussure, a língua é um sistema homogêneo, um conjunto de signos exterior aos indivíduos e deve ser estudado separado da fala. Para ele, o estudo da fala seria problemático,

por envolver todas as possibilidades imprimidas nela pelos falantes, impossibilitando sua análise científica. “A cada instante, a linguagem implica ao mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução: a cada instante, ela é uma instituição atual e um produto do passado.” (Curso de Lingüística Geral, 1989, p.16). Embora não tenha estudado a evolução da língua, Saussure a define como um agente transformador da linguagem e com isso, suscita, no futuro, o estudo também da fala. Nas palavras do teorizador “[...] tudo que é diacrônico na língua, não o é senão pela fala (parole). É na fala que se acha o germe de todas as modificações: cada uma delas é lançada, a princípio, por um certo número de indivíduos, antes de entrar em uso.” (Curso de Lingüística Geral, 1989, p.116).

Ao examinarmos a teoria do valor¹ proposta por Saussure, é pertinente destacar, assim como o próprio linguista já havia notado, que a relação entre o significante e o significado, que por sua vez constituem um signo, resulta da presença simultânea de outros signos na qual um signo só terá valor numa relação opositiva com outros elementos e, desta forma, impossibilitado de significar as coisas em si mesmas.

Assim, ao analisarmos o processo de aquisição da linguagem, juntamente com as contribuições da teoria do valor proposta por Saussure, acreditamos que a criança se depara com uma cadeia de signos que possui sua própria ordem. Logo, a língua é um sistema de valor proporcionado por uma relação de substituição e deslocamento entre os signos da cadeia linguística. No processo de relação entre a criança e a língua podemos observar a estrutura da língua em movimento através das relações paradigmáticas, em que os elementos de uma cadeia são substituídos por outros; e das relações sintagmáticas nas quais alguns elementos são deslocados. Isso se dá devido à possibilidade que toda língua tem de substituição e encadeamento dos elementos, para assim, então, formar uma cadeia em que cada elemento tem seu valor definido pela relação que mantém com os outros elementos. É a partir da noção de valor que observamos os processos metafóricos e metonímicos e desta forma, conforme Saussure afirma, notamos como se dá a constituição do valor entre os signos. Observamos, sem sombras de dúvidas, que a língua, como um sistema de signos, possui uma estrutura que está em movimento.

Segundo Jerusalinky (2008), as proposições descritivo-históricas da língua tornaram-se insuficientes perante o esquema revelador de Saussure, que virá a tomar o desafio da

¹ Teoria do Valor se encontra em seu livro Curso de linguística geral.

articulação dialética da língua num campo ao mesmo tempo sincrônico e diacrônico, tentando desvendar as regras operatórias de tal sistema da especificidade da linguagem.

Ao inverter a relação de Saussure e colocar o significante em uma posição privilegiada em relação ao significado, Lacan ressalta que, no inconsciente², as representações têm sempre de ser tomadas como significantes. Uma palavra em si não tem sentido algum, sem um sujeito que se responsabilize e responda por ela, de acordo com a representação que tal palavra tem para si em sua história particular. O significante é algo contingente que um sujeito toma como necessário. O significado, por sua vez, não é nada mais que o resultado da articulação entre dois significantes que, juntos e motivados pela retroação, produzem um efeito de sentido que se remete, irremediavelmente, a outro significante. O significado e o efeito de sentido se dão sempre a partir de uma articulação binária entre os significantes, esses em oposição. Assim, Lacan formula hipótese do “inconsciente estruturado como uma linguagem”, ou seja, como uma cadeia de significante. Ele pôde encontrar no contexto da linguística estrutural (Saussure, Benveniste e Jakobson) aporte favorável que lhe permitisse afirmar, a partir da Obra de Freud, sua tese inaugural do inconsciente estruturado pela linguagem.

Para Lacan, a constituição de um sujeito psíquico acontece através de um outro. Há um “eu” que é sujeito do enunciado a um “eu” que é sujeito da enunciação. O sujeito do desejo deve ser situado ao nível do sujeito da enunciação.

De fato, como afirma Benveniste em *Natureza do signo lingüístico*, tudo na linguagem precisa ser definido em termos duplos; tudo traz a marca e o selo da dualidade opositiva: dualidade articulatória / acústica, do som e do sentido, do indivíduo e da sociedade, da língua e da fala, do material e do não-substancial, do “memorial” (paradigmático) e do sintagmático, da identidade e da oposição, do sincrônico e do diacrônico etc. Esses termos, como atesta Benveniste (1976, p. 43) ao citar Saussure, não têm valor por si mesmo ou remetem a uma realidade substancial; cada um deles adquire o seu valor pelo fato de que se opõem um ao outro. A perspectiva de entendimento de língua de Benveniste diferencia-se da de Saussure, uma vez que a vê como essencialmente social, concebida no consenso coletivo. Para o teórico da enunciação (1989, p. 63), “(...) somente a língua torna possível a sociedade. A língua constitui o que mantém juntos os homens, o fundamento de todas as relações que por seu

² Conceito retirado do Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud a Lacan/editado por Pierre Kaufmann; tradução, Vera Ribeiro, Maria Luisa X. de A. Borges; consultoria, Marco Antonio Coutinho Jorge. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.; 1996.

turno fundamentam a sociedade.” O fundador da linguística moderna pensava na língua como um código fechado em si mesmo, estruturado por signos. A forma como Benveniste pensa a língua advém do seu entendimento de signo. Considerando sua forma de significação, propõe dois planos de sentido: o semiótico e o semântico. No primeiro, que confere com o pensamento de Saussure, está o signo significando no sistema e, no segundo, há a expressão do sentido resultante da relação do signo com o contexto, ou seja, o modo de significar do enunciado (discurso). Para o autor, essa forma de significar é a língua como trabalho social. Assim, Benveniste vê a língua no seio da sociedade e da cultura porque, para ele, o social é da natureza do homem e da língua.

Desta forma, o autor entende subjetividade como “a capacidade do locutor para se propor como *sujeito*”. Essa proposição como sujeito tem como condição a linguagem. “É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ego” (1991, p.288). Assim sendo, essa propriedade da subjetividade é determinada pela pessoa e o seu *status* linguístico.

Benveniste, ao instaurar a categoria de pessoa, define as pessoas do discurso. Considera eu/tu como as autênticas pessoas em oposição a ele, a não-pessoa. As pessoas eu/tu se caracterizam como categorias de discurso que só ganham plenitude quando assumidas por um falante, na instância discursiva. Essa tomada é sempre única, móvel e reversível, representando a (inter) subjetividade na linguagem. A terceira pessoa (a não-pessoa, ele), ao contrário, é um signo pleno, uma categoria da língua, que tem referência objetiva e seu valor independe da enunciação, declarando, portanto, a objetividade. A oposição entre os participantes do diálogo e os não participantes resulta em duas correlações: personalidade e subjetividade.

Assim, segundo Jerusanlinky, a oposição do eu e tu de Benveniste, abre campo a dimensão do outro na linguagem (oscilação entre um segundo e um terceiro) “como lugar-chave da articulação entre a constância e a evolução da língua, entre a universalidade e a singularidade do sentido.” (2008,p. 26)

CAPÍTULO 2

A partir do tratamento dado a este tema no campo da Linguística e por vezes atravessado pela psicanálise, é possível colocar em discussão o modo como ele é tratado no interior da Linguística atravessada pela psicanálise, pois o diálogo entre essas duas áreas permitirá encaminhar uma reflexão sobre o que determina que um sujeito, desde cedo exposto a mais de uma língua, seja escolhido por aquela que será denominada “língua materna”. Assim, reflexões que tratam da relação entre a fala da criança e a fala do adulto no processo de aquisição, ou seja, na passagem de *infans* a falante, serão determinantes no encaminhamento deste projeto.

2. Língua Materna no Interior da Linguística

Nesta pesquisa partiremos de diversos conceitos, como aqueles delineados por De Lemos a partir da leitura do estruturalismo europeu (Saussure, Jakobson e Benveniste), no qual esta autora empreendeu, afetada pela psicanálise lacaniana. De Lemos se distancia do sociointeracionismo, pois considera que esta perspectiva teórica não explica como processos intersubjetivos participam da aquisição da linguagem, especialmente quando se considera a especificidade no processo de apropriação de uma língua que envolve morfologia, sintaxe e semântica. A organização de tais substratos linguísticos acaba por ser explicada por meio de argumentos inatistas. Trata-se de uma teoria que, segundo a autora, compreende aquisição de linguagem como uma atividade cognitiva, em que a criança analisa, segmenta e internaliza a linguagem, ou seja, a criança se apropria da linguagem como se esta fosse um objeto de conhecimento, concepção da qual ela se afasta em decorrência do encontro com a Psicanálise. De Lemos (1992), traça outra rota, aproximando-se do estruturalismo europeu especialmente no que envolve a noção de língua. A autora descreve dois processos, forjados por Jakobson e reinterpretados por Lacan, que respondem pelo funcionamento da língua, a saber: os processos metafóricos e metonímicos. Ela se afasta, assim, de uma visão desenvolvimentista e adota uma perspectiva estrutural com o objetivo de explicar a aquisição de linguagem, a partir da relação sujeito-língua-fala. A proposta de De Lemos (1992,2002) para a aquisição de linguagem entende a mudança enquanto mudança de posição do *infans* a falante.

Particularmente no que diz respeito à língua materna Pereira de Castro (1998), pesquisadora alinhada ao trabalho de De Lemos, afirma no texto “Língua materna: palavra e silêncio na aquisição de linguagem” que:

“O adulto, nos termos do interacionismo de que falo, é aquele que sabe a língua que a criança também virá a saber, mas a sua posição não é a de quem transmite linguagem, ou é capaz de transformá-la em objeto modelar para a aprendizagem. A sua característica é a de ser o lugar de funcionamento da língua constituída (cf. de Lemos, 1992), com tudo o que implica a posição de ser falante ou de se ter constituído como um ser de linguagem; dela indissociável.” (p.248)

Nesse sentido, autora usará o “silêncio”, de uma forma metafórica, para se referir ao período que a criança ainda não fala e “palavra” quando ela passa a falar. Nesse sentido, o “silêncio” representa o tempo em que outro (o adulto), da sua posição de falante já capturado pelo funcionamento da língua, interpreta todos os atos infantis, tais como gestos, choros, balbucios etc.

Como se vê, nesta perspectiva, o sujeito não é aquele que passará por estágios de aprendizagem, mas sim um sujeito da linguagem. Este se constituirá através da relação com outro. Num primeiro momento a criança incorpora a fala do outro, e pode, nessa relação, reconhecer sua fala na do outro. Segundo De Lemos (2000), quando a criança se identifica na fala do outro, ela é capturada pela linguagem. A partir desse conceito a autora define a aquisição de linguagem como processo de subjetivação. Nesse sentido, a aquisição de língua materna será entendida como percurso singular de uma criança na sua relação com a linguagem.

O bebê quando nasce é mergulhado no mundo simbólico familiar, pré-existente ao seu nascimento, ou seja, é capturado pela Linguagem desde antes mesmo de sua concepção. Ele é falado e sentido pelos seus pais, antecipadamente, e assim inscrito no universo simbólico e na fantasia destes. As primeiras produções do bebê são determinadas por uma organização nervosa reflexa, que o torna capaz de produzir sons inicialmente mais variados do que os sons que constituem a língua da comunidade que ele pertence. A mãe, num primeiro momento, funciona como espelho para seu filho, na medida em que ela contextualiza e faz atribuições semânticas aos “seus ruídos e fragmentos de fala”, ainda que sejam balbucios. Isto revela a dimensão constitutiva da especularidade, condição necessária para constituição de um sujeito. Esse Outro Primordial, tão necessário para o bebê, consegue exercer o seu papel se estiver submetido às leis de funcionamento da língua e puder reconhecer nos fragmentos pré-verbais de seu filho a possibilidade de linguagem de alguém que deseja e, portanto, considerar um Sujeito ali. Significa dizer que ninguém nasce sujeito, mas torna-se Sujeito a partir da sua relação com o Outro.

A função materna integra as sensações vividas pelo bebê. Os balbucios, os sons produzidos involuntariamente, os resmungos, o olhar, os movimentos desengonçados serão

interpretados pelo Outro, isto é, colocados numa matriz significante. A relação dual estabelecida entre a mãe e o bebê precisa sofrer um corte para que este possa sair da posição de objeto de desejo materno, permitindo o processo de individuação e a entrada da criança na ordem do simbólico. Desta forma, “a língua materna não se separará jamais dessa sedimentação afetiva para tornar-se um instrumento de designação objetivo das coisas do mundo, no sentido em que pode sê-lo a linguagem científica. Falar é sempre navegar à procura de si mesmo com o risco de ver a sua palavra capturada pelo discurso do Outro ou pelos estereótipos sociais, pródigos em *frases feitas*” (Revuz,1992)

Tendo em vista uma tensão entre o que lhe é estranho (fragmentos bizarros, frases incompreensíveis etc.) e o que lhe parece familiar (fragmentos que a mãe, de certa forma, reconhece como da sua língua), a mãe, ao interpretar, atribui significados aos enunciados ou gestos infantis. Por outro lado, na fala da criança aparecem os fragmentos incorporados da fala da mãe. É importante evidenciar que a criança não repete simplesmente, pois o aparecimento de fragmentos de enunciados da mãe na fala desta criança apresenta um deslocamento que revela que a criança tem uma escuta singular em relação à fala da mãe.

Também é necessário atentar para o fato de que a **língua não é transparente**, ou seja, suas regras e significações não são totalmente evidentes para a criança. Portanto, os lapsos, os erros e a heterogeneidade da fala da criança são fatos que dizem respeito à língua, pois eles pertencem à dinâmica de funcionamento do sistema linguístico. Queremos dizer que, apesar de as construções que comparecem na fala da criança serem um tanto quanto estranhas, deslocadas e muitas vezes sem sentido, isso não quer dizer que elas se constituam fora do funcionamento simbólico da língua. Além disso, o processo de aquisição da língua materna é absolutamente singular na vida da criança e este processo também pretende uma certa homogeneização, na medida em que a fala da criança vai perdendo sua heterogeneidade, tornando-se cada vez mais próxima à fala do adulto. Mas, neste movimento, há mudanças em que se verificam marcas de subjetivação, ou seja, de singularidade, próprias do sujeito – no caso, a criança no funcionamento da linguagem.

Desse modo, o que está em jogo é uma relação entre textos da mãe e a escuta da criança da fala materna, na qual o resultado é o aparecimento de fragmentos deslocados provenientes do discurso materno na fala da criança. Os textos do adulto ressignificam-se ao circular na fala da criança, ou seja, os fragmentos textuais vão sofrendo deslocamentos a cada vez que ocorrem na fala infantil.

Milner (1978), em seu livro *O amor da Língua*, diz que a língua materna pode trazer contribuição para área de aquisição de linguagem através da relação *lalangue*³ e língua. Permito-me, a esse respeito, uma citação do autor.

“Seja, pois, a língua: a linguagem designa o que o saber elocubra, concernindo-a- e principalmente quanto a sua existência: de sorte que o conceito de linguagem consiste inteiramente na questão. “Por que existe a língua em vez de nada? Em outros termos, a linguagem não é nada além da a língua enquanto ela é presa na forquilha de sua existência ou de sua inexistência: uma saber que passa pela ausência fantasmada de seu objeto.” (Milner,p.18)

Pereira de Castro (1998):

“a relação *lalangue*/língua é toda outra. A língua suporta o não todo da *lalangue*. Em outras palavras, este não existe sem a primeira e reciprocamente, mas a sua relação toca justamente no ponto, segundo o autor Milner, em que a lingüística interessa à psicanálise ou, pelo menos, em que Freud se interessou pela linguagem.” (p,253,254).

A articulação entre o desejo e o inconsciente e a língua foi o que Lacan chamou de *Lalangue* e que para Milner é o ser falante ou o ser da Linguagem, isto é, o lugar em que se inscreve o sujeito da Linguagem.

Devemos lembrar que aquele que suporta a língua, para o psicanalista, é o sujeito que fala. E o sujeito em psicanálise é aquele que surge no embate entre o sujeito e o não-sujeito da semiótica das instâncias. É o que aparece no interstício entre ambos. E falar é uma ação que pressupõe a presença concomitante do sujeito da psicanálise (aquele que sabe) e do sujeito das semióticas das instâncias (o que domina o sentido e se diz ego), ou do não-sujeito da semiótica das instâncias (o que experiência o sentido e não se diz ego). O sujeito em psicanálise é aquele que surge no confronto entre o saber (distanciamento do sujeito) e o não-saber (experiência do não-sujeito).

Segundo Duarte⁴ (2006), falar é agir e distinguir, mas é também perceber e sentir. O sujeito em psicanálise aparece no confronto de uma distinção e da percepção das ações que se estruturam em um espaço figurado pela língua materna que Lacan chama de “*Lalangue*”. A autora ainda nos fala, que o sujeito em psicanálise é aquele que lida com a *Lalangue* e seus efeitos, e o inconsciente é uma elucubração de saber sobre *Lalangue*.

³ Milner define a língua como um ponto de cessação do impossível imposto pelo Real. Esse ponto de cessação se manifesta numa contingência, sendo que podemos entendê-lo como um momento em que as palavras são arrancadas do círculo da referência ordinária (Milner 1987). Podemos chamá-lo de hermetismo, de ponto de poesia, mas também podemos encontrá-lo no lapso, no chiste, onde a língua e o desejo inconsciente se articulam.

⁴ Citação retirada de um texto escrito por Cristina Vaz Duarte para ser apresentado durante os seminários do Departamento de Didaktik Design no Instituto de Educação de Estocolmo, em dezembro de 2006.

Em Miller (1975), o inconsciente é feito de *Lalangue*, cujos efeitos transcendem a comunicação, já que seus efeitos vão conturbar o corpo e a sua alma, assim como o pensamento.

Lachaud (1991) aponta em seu texto que Freud dizia que o sentido com o qual uma palavra se reveste não é o sentido da palavra no dicionário. A língua materna se perde ao ser falada. "A língua materna é a língua da falta que garante a *lalangue*, que é a língua "pas-toute", evidenciando sua impossibilidade de traduzir tudo, de dizer tudo. Segundo a autora, apreender o que seja língua materna, é a tentativa de apreender o que precisamente a própria língua organiza e permite. Ela é o que se dá a parecer.

Como dissemos anteriormente, conhecer uma língua é expressão que, via de regra, refere-se ao aprendizado de língua estrangeira, a partir da língua que se sabe pela qual um corpo se fez sujeito. Seria algo como "uma tradução" dessa língua, a partir da língua da qual o sujeito é atravessado (língua materna). Esta definição, ainda que equivocada, permite afirmar que se trata de duas posições subjetivas distintas, através das quais o sujeito se representa diante da língua materna e da língua estrangeira.

Segundo Revuz (1992), em seu texto "A língua estrangeira entre o desejo de um outro Lugar e o risco do exílio"⁵, pode-se apreender uma língua estrangeira somente porque já se teve acesso à linguagem através de uma outra língua. Essa língua chamada "materna" pode não ser a da mãe e a língua "estrangeira" pode ser familiar, mas elas não serão jamais da mesma ordem, exceto o caso verdadeiro de bilinguismo, no qual a criança está imersa simultaneamente em dois universos linguísticos.

Melman (1993), a partir de Lacan, assinala que o inconsciente não é estruturado como uma língua, mas sim como uma linguagem, sendo que ele é constituído por uma cadeia feita de elementos cuja unidade é variável, que vai desde a letra até o fonema, passando pela palavra, pelo segmento de frase e por fim para um fragmento de discurso que fará unidade significativa no inconsciente. Segundo o autor, isso quer dizer que independentemente da sua história linguística, o inconsciente será sempre interpretado como se houvesse uma língua original. Assim, o estatuto de sujeito é assegurado pela incidência do simbólico sobre o organismo.

⁵ Tradução de Silvana Serrani-Infante. Este texto foi publicado originalmente em francês, na revista *Education Permanente*, 107, Paris, 1992.

“Do ponto de vista lingüístico, nada se opõe à penetração de uma língua por outra língua e a tendência mecânica espontânea, deveria ser a do apagamento, da assimilação das línguas minoritárias. Por outro lado, o inconsciente não cria nenhum obstáculo à mixagem das línguas. Podem reter em seu seio palavras, locuções, fragmentos inteiros de discursos tomados de uma língua da infância que em seguida tornou-se estrangeira. O inconsciente não é nem nacionalista nem xenófobo” (MELMAN, 1992, p.16).

Moraes (1999), em sua tese de doutorado “Materna / estrangeira: o que Freud fez da língua”, fala da possibilidade de se pensar a relação Língua Materna - Língua Estrangeira a partir da constituição do sujeito por linguagem. Isto supõe que se faça uma diferenciação entre sujeito e Eu, o que é possível se tomarmos como base para essa reflexão, a hipótese freudiana do inconsciente.

Permito-me citar um trecho de Moraes (1999), para esclarecer as formulações feitas para refletir a relação entre Língua **Materna e Estrangeira**.

“... possibilidade de recuperação dos traços mnêmicos passa pelo necessário caminho da expressão verbal, da leitura, de maneira que, se, de acordo com a hipótese de Freud, a memória é, em grande parte, inconsciente, abre-se um outro lugar de discussão sobre o estatuto da dita Língua Materna: ela não representa, para o sujeito, sua segurança, dado que aí não pode dizer tudo. Fica suspensa a condição de a Língua Materna ser o veículo da certeza do sujeito. Nessa hipótese está implícita, portanto, uma divisão entre língua e linguagem, sendo a língua o lugar de apresentação da certeza do Eu, mas, simultaneamente, da possibilidade de manifestação da linguagem inconsciente, daquilo que fala no Eu, sem seu consentimento. Como consequência dessa hipótese, acrescenta-se à discussão, o estranhamento na língua como elemento organizador que permite deslocar, na relação Língua Materna - Língua Estrangeira, a questão da alteridade. Língua Estrangeira perde o estatuto de estranha, porque diferente, para ser questionada a partir do estranhamento próprio à Língua Materna. Se a hipótese sobre o inconsciente foi construída porque Freud ouviu falhas, hesitações e esquecimentos como manifestações de um funcionamento desconhecido pelo Eu, devemos destacar, sobretudo, que Freud não concebe seus 'aparelhos' de memória e de linguagem senão enquanto sistemas de escrita. Isto não é sem importância para este trabalho, uma vez que é essa concepção de linguagem enquanto sistema de escrita/leitura, que nos dá os elementos para questionar a condição de familiaridade da Língua Materna e a de estrangeiridade da Língua Estrangeira”.(p.77)

Assim sendo, a autora em seu artigo “Língua Materna e Estrangeiridade”, expõe dois casos descritos na literatura psicanalítica, os quais vêm para interrogar o estatuto de familiar, atribuído à língua materna, e do estranho, atribuído à língua estrangeira. Os dois casos evidenciam que toda relação com uma língua estrangeira passa, necessariamente, pela relação estranho-familiar na língua materna. Segundo Moraes (2009):

“assim, as outras línguas entram para movimentar o estranho da língua materna que invade como uma língua estrangeira. O estranho não se apresenta aqui como aquele que põe em movimento e, portanto, não pode causar o familiar.”(p.72)

Lê-se ainda no trabalho de Jean Bergès e Gabriel Balbo (2002) que se somos todos bilíngues, é porque falamos uma língua que tem nela (esquecida) outra, uma reserva, uma estrangeiridade, algo que nos é alheio, que foi recalcado nessa língua materna primeira, e que nos faz desejar. Temos a língua materna das lalações, dos jogos infantis, dos balbucios, dos

primeiros interditos, das primeiras incompreensões, mas também a língua marcada pelos limites impostos a todos que nela convivem. Como se vê, há muito a ser explorado e discutido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já relatado na Introdução, o projeto surgiu por uma questão pessoal que há muito me inquietava, determinando minha decisão de realizar esta pesquisa sobre a língua materna. Ela se entrelaça com minha história de vida, pois imigrei para o Brasil aos três anos de idade. Se considerarmos a língua materna como a primeira, isto é, aquela que o bebê adquire como primeira língua, em um percurso singular que marca de algum modo sua relação com a linguagem, não há como negar que quando cheguei a este país já havia percorrido um longo trajeto.

As questões de pesquisa propostas neste trabalho não foram respondidas, pois acredito que a pesquisa propôs-se a refletir a relação entre língua materna e língua estrangeira no campo da Psicanálise e no campo da Linguística. Acredito que o projeto possa ser ampliado futuramente. Partindo das noções de língua, sujeito e identidade, proponho também um questionamento sobre a noção de estranho, pensando em relação à língua. Discutir, por vezes, a língua materna que passa a ser uma língua estranha, e, o sujeito, estranho na própria língua. Nesse sentido, na minha segunda pergunta (Será que apenas a língua materna tem o estatuto identificatório, e que eu apenas poderei me reconhecer a partir dela, pois fui por ela maternada?) a construção de identidade conforme concebe a psicanálise é um processo que passa pela língua, que, representando para o sujeito a dimensão simbólica, cria a possibilidade de que haja identificação.

Não podemos negar que a aquisição da língua materna é uma experiência inaugural e definitiva, pois é por ela que um corpo não falante (*infans*) passa a ser um sujeito falante ou sujeito da linguagem. Posso afirmar que, se entendida como a primeira, minha língua materna foi a língua árabe. A posição do sujeito frente a uma língua estrangeira é singular e está intimamente relacionada com a posição que ele ocupa na língua materna. Assim, a importância da língua para o sujeito vai depender do lugar que essa língua ocupa na vida do sujeito, ou seja, o quanto a língua é familiar para o sujeito. Mas pode a língua materna tornar-se estranha? Acredito que tenhamos que mergulhar em outros conceitos atravessados pela psicanálise, como, por exemplo, a noção de estranho relacionada à língua. No entanto, esse estudo permitiu iniciar uma reflexão entre língua materna e língua estrangeira, revelando um campo de pesquisa enigmático que desperta curiosidade daqueles que estudam esta relação, e que merece um estudo aprofundado. Embora tenhamos iniciado as nossas investigações das vicissitudes subjetivas das línguas, nos parece adequado indicar um caminho interessante para

pensar as relações do sujeito, em sua singularidade, o modo como ele lida com a língua materna e o lugar que ela ocupa em sua vida. As questões aqui propostas podem ser retomadas a partir de estudo de casos, os quais iluminarão as nossas reflexões sobre o assunto. Não podemos negar que a aquisição da língua materna é uma experiência inaugural e definitiva, pois é por ela que um corpo não falante (*infans*) passa a ser um sujeito falante ou sujeito da linguagem. Posso afirmar que, se entendida como a primeira, minha língua materna foi a língua árabe. A posição do sujeito frente a uma língua estrangeira é singular está intimamente relacionada com a posição que ele ocupa na língua materna. Certamente a pesquisa proposta toca minha história pessoal e a constante interrogação acerca de qual seria, no meu caso, a língua materna, uma vez que embora afirme que ela seja a portuguesa, não há como apagar que a língua maternante foi o árabe.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGÈS, J. e BALBO, G. *Jogo de posições da mãe e da criança: ensaio sobre o transitivismo*. Tradução de N. Leite, V. Veras e A. Vorcaro. Porto Alegre:CMC, 2002.

BERGÈS, J. Bilingüismo e recalçamento. In: Angela Vorcaro (org.) *Quem fala na língua?* Salvador: Ágalma, 2004.

BETTS, J. A.. Meu pai é melhor que o teu: considerações sobre o bilingüismo e aprendizagem da língua estrangeira. In: COSTA, Ana Maria Medeiros da. et al. **Imigrações e fundações**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000. p. 151-157.

De LEMOS, C. (1992) – Los Procesos Metafóricos y Metonímicos como Mecanismos deCambio. In: *Substratum*, 1, nº1. Barcelona.

_____ (1998) Native speaker's intuitions and metalinguistic abilities: what do they have in common from the point of view of language acquisition? *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 33. Campinas: Editora da UNICAMP.

_____ (2002) Sobre as vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 42. Campinas: Editora da UNICAMP.

HAMERS, J. F. & M. H. A. BLANC. 1989. *Bilinguality & Bilingualism*. Cambridge: Cambridge University Press.

JERUSALINSKY, A. *Saber falar: como se adquire a língua?* Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 2008.

LACHAUD, D. *La langue maternelle ou la division du sujet*. In *La Psicanalyse de l'Enfant*. Paris, 1991.

MELMAN, C. 1992. *Imigrantes – Incidências subjetivas das mudanças de língua e país*. São Paulo, Editora Escuta Ltda, 112 p.

MILNER, JC. (1978) *O amor da língua*. Porto Alegre: Artes Médica.

MORAES, MRS. *Língua Materna e Estrangeiridade*. In *Solta voz*, vol.20,N1. 2009.

MORAES, M. R. S. *Materna/estrangeira: o que Freud fez da língua*. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

PEREIRA DE CASTRO, M.F. “Língua Materna: palavra e silêncio na aquisição da Linguagem”. (1997)

_____ “Sobre a interpretação e os efeitos da fala da criança”. In *Letras de hoje*. Porto Alegre. V. 33, n.2. 1998. (p. 81-87).

Formatado: Inglês (Estados Unidos)

Formatado: Inglês (Estados Unidos)

Formatado: Inglês (Estados Unidos)

Formatado: Inglês (Estados Unidos)

REVUZ, C. *Education Permanente*, n° 107. IRTS, Paris, 1992.

SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*. Bally, C. & Sechehaye, A (orgs.). Cultrix. São Paulo, 1916/1989.